



Resenha do artigo: RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365-373, abril. 2017.

Jamie Kalil Sousa Miranda¹

Introdução

Este artigo é conteúdo da revista Estudos Feministas, e feito pela doutoranda paulista, travesti, ativista, professora e comunicadora, Amara Moira. Trata-se de um texto onde são abordados os contestados das palavras “cis” e “trans” e mais em específico explorando diversidades de identidades femininas plurais, onde a autora tem vivência sobre. Ela trás a nós uma imagem do que a feminilidade representa para nossa sociedade, o que o ser “mulher” pode significar (ou não) a busca por um padrão, tanto em pessoas, especialmente mulheres, cis e trans e cabendo inclusive na vivência de homens trans, que são também vítimas desse sistema binarista e cisnormativo. A afronta que a escritora trás nos faz pensar sobre os passos que já demos e os muitos que ainda devemos dar sobre o respeito e o (re)conhecimento às vivências trans dentro de nossa coletividade social.

Desenvolvimento

Vivemos em uma sociedade doente, e que adocece pessoas; viemos de um processo histórico onde nosso primeiro crime LGBTQIAP+ foi sofrido por uma pessoa que se encontraria atualmente no que conhecemos como trans ainda no período colonial, datando mais precisamente no ano de 1614, o indígena Tibira. Foi apenas o começo do grande processo histórico e atual de aniquilação em que vivemos. A prof^a dr^a Moira trata de forma direta ao ponto sem enrolação e traz ao debate o que a sociedade nos tenta tapar a boca há tempos: nossa existência e como ela acontece.

¹ Graduando do 2º semestre de Bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), trans não-binário (ele-dele), preto, 21 anos e integrante do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), presente em lutas estudantis e pelos direitos LGBTQIAP+.



Só fomos tirados do CID de doenças da Organização Mundial da Saúde (OMS) em 19 de maio de 2018 (processo esse que só teve sua oficialização agora no ano de 2022, no dia 1 de Janeiro), ou seja, se formos fazer as contas do ano que temos registro do primeiro assassinato até o mínimo que é não nos considerarem completas aberrações pelo menos no papel, foram necessários 404 anos, e, ainda assim, todos os dias vemos relatos de violência. Muitas vezes só somos conhecidos quando aparecemos como manchete de jornal, com nosso sangue escorrendo do lado de nosso corpo violado e morto.

As narrativas trans foram nascendo de forma política, incorporadas com as lutas feministas, pois ambas discutem o que é o gênero e as limitações que, a partir da caixinha em que somos colocadas, por ele passamos a ter. A ousadia que feministas tiveram foi de suma importância para esse despertar. Stonewall, grande marco histórico do movimento mundial LGBTQIAP+, foi construída em cima da luta de mulheres trans e pretas, Sylvia Rivera e Marsha Johnson, então dizer que não existimos, como cita em sua obra a autora, já é impossível; estamos em tudo, e as pessoas sabem que estamos e já não podem negar isso.

É interessante vermos que uma luta puxou a outra, assim como feminismo e movimentos LGBTQIAP + surgiram em união. O segundo citado serviu de impulso para movimentos como o de pessoas pretas, como fala Ângela Davis: “A comunidade trans está nos mostrando o caminho” e é justamente essa união de pluralidades que nos une e fortalece.

Como falei no início desta resenha e como a escritora bem forte pontua em seu texto, essa sociedade nos adoce. Se um dia estivemos ou em algum momento ainda precisamos estar em espaços destinados a cuidados extremos de saúde mental, é porque fomos adoecidos pela cisgeneridade, é porque passamos a vida toda ouvindo que não somos normais, que estamos ferindo mandamentos religiosos e acabando com nossos pais. É porque somos abandonados e largados como animais em grande maioria pela própria família, tendo de recorrer aos meios mais subalternos de trabalho, em uma linha tênue entre a violência e o fetiche, do homem pai de família conservador, que sente na “*esquisitice*” de nossos corpos e corpos o limiar da liberdade e do real prazer. Ainda hoje, como na cidade de Fortaleza, existem ambulatórios para atendimento de pessoas trans que ficam ainda dentro de hospitais mentais, o que causa em si um estigma



imenso; existem pessoas que abandonam por vergonha, por não ter o cuidado necessário, por ser precário, e existem outras que nem sequer tem a oportunidade de adentrar esses espaços, pois o Sistema Único de Saúde (SUS) não dá conta e nem se preocupa em acolher nossas demandas.

A violência a nós dirigida é gritante. Somos pelo 13º ano consecutivo o país que mais mata pessoas trans do mundo, e caminhando para o 14º, com um crescimento de mais de 48%, segundo relatório da ANTRA e do TGE. 83% de tantas dessas mortes são pessoas em feminilidades e pretas; nossa média de vida é de apenas 35 anos, dificilmente alcançamos lugares grandes e ocupamos espaços e cargos altos. É uma luta constante, e, como fala a escritora, é uma luta de todas as feminilidades, seja mulher cis, homem trans, travesti, não binaries, se você tiver o menor sinal de feminino em si é como se um sensor fosse ativado na cabeça dos demais para lhe oprimirem e lhe atacarem, porque esse é o lugar que você pertence, o de oprimide, e aí de quem tenta cruzar essa linha.

Mas nós cruzamos e tentamos cada vez mais cruzar todos os dias, em nossas lutas, em nossas palestras, adentrando na política, visando políticas públicas, entrando em universidades e lutando para que os nossos possam também entrar, Amara teve um papel fundamental pra mim chegar na universidade, e ela prega em sala de aula do cursinho o quanto ela nos quer ver chegar onde queremos; se estou aqui hoje me encontrando e resenhando sobre esse lindo artigo dessa Drª travesti, é porque anos atrás encontrei nela a inspiração, assim como acredito que vários também encontraram. Amara mostra, de forma muito marcante, como ainda somos vilipendiados, como nossa existência é esquecida e que precisamos lutar uns pelos outros, pois “a gente só tem a gente”, e é justamente isso que precisamos, de não apenas pessoas cis lutando por causas que minimamente nos acolham, mas de termos nossa própria voz sendo ouvida, de termos nossas demandas sendo alcançadas, de estarmos mudando o futuro das crianças trans que estão nascendo todos os dias, que elas não precisem jamais passar por todos os percalços que ainda temos de *transpor*, diariamente.

Conclusão



É, eles não podem nos silenciar mais, já somos muitos na multidão, é impossível não nos verem né, Amara? A gente tá conseguindo, de pouquinho em pouquinho, infelizmente com muito sangue derramado, tanto por assassinato como tristes suicídios, mas como houve anos atrás na letra do rapper trans não binário, TRIZ, “a luz da minha luta sua bala não apaga”. O que buscamos hoje é o aumento da nossa expectativa de vida, das vagas de empregos, da resolução do descaso que sofremos no sistema público de saúde, de direitos realmente respeitados, somos seres humanos e exigimos sermos tratados como tais, não é nenhum favor, é o mínimo, e pode achar ruim, mas Linn da Quebrada já avisou: “Tô vendo de camarote, o fim do seu reinado, rindo muito da sua cara de cãozinho abandonado”.

“E se trans for mar, eu rio

E se trans for mar, água de torneira

E se trans for mar, eu rio

Contra a correnteza.”

Linn da Quebrada, Eu matei o Júnior.

Referências bibliográficas

Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=__-LlisAAAAJ&hl=pt-BR>.

Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55462549>>.

Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-sauderetira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-e-disturbios-mentais>>.

Disponível em: <<https://despatologizacao.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/>>.



Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/06/revolta-de-stonewall-tudo-sobre-o-levante-que-deu-inicio-ao-movimento-lgbt.html>>.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/trans/a/FScyDnYgTQHYxtCYnHLbMqv/?lang=pt>>

Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2021/04/06/peticao-tenta-realocar-e-melhorar-ambulatorio-destinado-a-pessoas-trans.html>>.

Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf&ved=2ahUKEwi8hICRgKX1AhX9p5UCHQnVCwAQFnoECAoQAQ&usg=AOvVaw3v_GxHI24NtBfePAFOdvXT>.

Disponível em: <<https://antrabrazil.org/assassinatos/>>.

Disponível em: <<https://m.letras.mus.br/triz/elevacao-mental/>>.

Disponível em: <<https://m.letras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/bixa-travesti/>>.

Disponível em: <<https://m.letras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/eu-matei-o-junior-part-ventura-profana/>>.